

Jeferson De que?

Fernando Conceição

Nem sei se este jornal cuja crença, expressa no que pensa (**Folha**, 19/2) em relação ao debate sobre formas de combate ao racismo histórico que emprenha a sociedade brasileira, se dá conta do paroxismo a respeito da questão, resultante da leitura cotidiana de suas páginas.

Veja-se a edição de sábado (22/2). Na capa, destaque à decisão da juíza Giovana de Oliveira, da Justiça paulista, que determinou multa e prisão imediata de Davina Castelli, uma aposentada moradora de prédio na av. Paulista, pelos testemunhos useira e veseira na arte de ofender pessoas negras com as quais cruzem.

Como diz a reportagem, que ocupa todo o espaço editorial das págs. 1 e 4 do caderno Cotidiano, é uma decisão judicial incomum. Ainda que a velha senhora não vá para trás das grades, a sentença cumpre uma função didática.

Davina Castelli, que é condenada somente agora, depois de anos cometendo crime tipificado na Constituição e em lei ordinária brasileiras, simboliza tão somente uma mentalidade comum. Concretizada em diversos mecanismos que obstaculizam a pluralidade do acesso a espaços de comando e de poder – político, social e econômico – da maioria da população de pele negra.

Num país de faz de conta que o racismo aqui é coisa superada, vigente ainda o mito da “harmonia” de convivência entre as “raças” - emblema distintivo da imagem cordial que os brasileiros fazemos de nós mesmos -, tal paradoxo é jogado na cara do leitor da Folha na página seguinte, a C5, da mesma edição do caderno Cotidiano.

Ali vemos a reprodução da fotografia recente do garoto negro de 15 anos, em bairro nobre do Rio de Janeiro. Ele está amarrado a um poste como em Debret nos seus registros das cenas do escravismo colonial. Dessa vez a reportagem informa que o garoto, fugitivo de uma casa de correição, reincidiu em assalto a turistas estrangeiros na av. Atlântica. Está detido novamente, em delegacia de – quanto cinismo sócio-governamental! – “Proteção à Criança e ao Adolescente”.

Esse cancro, essa ferida putrefata herdada de quase 4 séculos de escravidão que, ao fim e ao cabo, tornaram o Brasil uma potência – não apenas econômica, mas também em desigualdades -, turva a qualidade da democracia e lembra que o apartheid social nos é familiar. É coisa do nosso quintal, das nossas ruas e das nossas instituições. Indignar-se contra isso é tarefa de todos, para sua superação.

Por tais fatos e razões soam amargamente risíveis, para não dizer patéticas, as falas do cineasta Jeferson De, na matéria sobre seu novo trabalho filmado em Florianópolis. Amigo de churrascos no quintal da minha casa em Pinheiros, quando éramos alunos da USP, ele se desincumbe de qualquer agenda “social” – como se démodé e negativo fosse o engajamento artístico na permanente denúncia das misérias, muitos frutos da corrupção institucionalizada. Assistiu a "12 anos de escravidão"? Não vê na história de

Solomon Northup similaridades com a de Luís Gama, vendido como escravo pelo pai e que, em São Paulo, tornou-se paradigma na luta pela abolição?

Nada contra escapismos, como as bruxas de Floripa. Que, como se regozija De, seus filhos continuem adorando a saga “Crepúsculo”, pois a realidade é também permeada de fantasias. Nunca, porém, como ensino aos meus, deixem de questionar porque nós, negros, somos ainda tratados no Brasil como escolhidos sociais.

Fernando Conceição, jornalista, professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, é autor de “Diasporá, um romance” (Ed. Casarão do Verbo) e biógrafo autorizado do geógrafo Milton Santos. fernconc@ufba.br

22/02/2014